

A importância do petróleo no mundo atual é percebida na própria dificuldade de encontrar algum produto ou mercadoria que não possua alguma relação, direta ou indiretamente, com ele. Não apenas isso, ele também é a principal fonte de energia do homem, que passou a utilizá-lo cada vez mais com o desenvolvimento da eletricidade (uso de querosene e gás natural) e do transporte motorizado. Sendo assim, o petróleo é um recurso extremamente valioso e relevante, reconhecido pelo carinhoso apelido de “ouro negro”.

O diabo é que o petróleo é um recurso não-renovável que poucos possuem. E, sempre que um recurso é possuído por poucos e demandado por muitos, há potencialidade de atritos, que levam a resultados de mercado ruins, com alguns ganhando mais do que outros. Não apenas isso, o fato do petróleo poder acabar em um futuro, seja próximo ou longínquo, impressiona porque os países ainda são amplamente dependentes dele, a despeito de todas as tentativas de mudança de matriz energética. Essa relevância e dependência podem ser notadas pela preocupação em torno de sua cotação nos mercados futuros e seus efeitos sobre as diversas economias.

A situação atual do petróleo parece crítica. Enquanto uns chamam de crise, outros falam em um simples choque, mas o importante é que o preço do barril de petróleo alcançou na última sexta-feira, seis de junho de 2008, o valor de US\$ 138,54, em valores brasileiros, R\$ 225,46. As razões para esse movimento de alta têm sido alvo de diversos debates com o objetivo de achar soluções ou alternativas, pois há uma combinação de fatores que vêm elevando o preço do petróleo a patamares decisivos, que podem reverter a tendência de crescimento econômico de muitos países.

A trajetória de valorização do petróleo envolve questões referentes à demanda e à oferta. Em relação à demanda, há dois movimentos principais. O primeiro é o efeito retardado de quatro anos de política monetária expansionista. No período de 2001 a 2004, as taxas de juros nos principais países foram mantidas em patamares muito baixos, o que favoreceu investimentos e o crescimento econômico. Com sua realização, aumentou a demanda por energia e matéria-prima, com países como China e Índia sendo bons exemplos de importadores que estão em plena expansão. O segundo movimento é a fragilidade do mercado financeiro devido à crise da economia americana e ao enfraquecimento do dólar americano. Os investidores, ao reduzir sua confiança, buscam ativos mais tangíveis e menos frágeis, que se configuram nas commodities, dentre elas, o petróleo. Além disso, as expectativas são de que o preço do petróleo ainda não chegou em seu pico (que pode chegar a US\$ 200,00), o que incentiva a especulação e a maior procura

pelos contratos com menor preço. Assim, a demanda por petróleo está cada dia maior.

Já em relação à oferta existem também alguns fatores. Ela é controlada por um cartel de países conhecido como OPEP, que mantém o fornecimento de petróleo nos níveis decididos por eles e não pelo mercado (ou seja, resultado de mercado não-natural) e não tem sido ajustado ao crescimento atual da demanda. Somada a isso está a questão geopolítica dos países árabes que são os maiores produtores de petróleo. Desde que os Estados Unidos invadiram o Iraque em 2004, há uma tensão na região, com o constante de temor de interrupção de produção, o que torna a oferta de petróleo potencialmente instável. Por fim, há ainda a questão da quantidade de reservas e sua possibilidade de esgotamento, que, segundo alguns, já pode ser vislumbrada.

Dada a conjuntura, pergunta-se quais serão os efeitos do aumento de preços do ouro negro para o Brasil. A resposta não é simples, sendo uma combinação entre ganhos de sua exportação e perdas, porque o produto brasileiro precisa ser complementado por aditivos que são importados. Dos bons efeitos está a constante valorização das ações da Petrobras e a disseminação da importância do bioetanol. O país também ganha com a desvalorização do dólar. Para se ter uma idéia, US\$ 138,54, hoje, valem R\$ 225,46 a um câmbio de R\$/US\$ 1,6286, e esse valor em dezembro de 2007, a um câmbio de R\$/US\$ 1,7705 equivale a R\$ 245,28, ao mesmo tempo, o petróleo fechou 2007 em US\$ 96,20, que na época significava R\$ 170,32 e hoje seria R\$ 156,67. Com isso mostra-se que o fortalecimento do real ajuda, mas não resolve, pois, enquanto a desvalorização do dólar está em torno de 8% desde o início do ano, a alta do petróleo está em torno de 43%. O pior efeito disso, no entanto, é a pressão inflacionária dos derivados do petróleo, como o nafta, que faz parte da produção do plástico, e como o querosene, que está tendo impacto, principalmente, sobre a indústria da aviação, onde o produto responde por 40% dos custos.

**“A trajetória de valorização do petróleo envolve questões referentes à demanda e à oferta.”**

A pressão inflacionária é, realmente, o que mais preocupa. Isto porque, essa tendência levará os países a aumentar suas taxas de juros, reduzindo investimentos e o crescimento econômico, temporariamente, talvez até induzindo uma pequena recessão mundial apenas para controlar a inflação. Além disso, enquanto alguns apostam na queda do preço para níveis de US\$ 100,00 no final do ano, outros acreditam que ele chegará a US\$ 200,00. As perspectivas são diversas, mas o certo é que, com os países aplicando medidas restritivas, o consumo diminuirá, acalmando os ânimos do mercado e possivelmente revertendo essa trajetória. E depois perguntam porque petróleo é que nem ouro...

Dados: Ipeadata, Bacen, FMI, Krichene, Noureddine “Crude Oil Prices: Trends and Forecast”, 2008.